

TRABALHANDO COM TEXTOS NA ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Danieli Batista da Silva¹

Idalvina Pereira de Almeida²

Sônia Ferreira Silva dos Santos³

RESUMO: Este trabalho se refere sobre o processo de ler e escrever com a utilização de diferentes textos como mediadores no processo de alfabetização. Uma das preocupações que me atraiu a atenção foi sobre a dificuldade de qual método seria o melhor para melhor desenvolver leitura e escrita dos alunos. Trabalhar com textos foi uma opção que encontrei, pois achei prático, dinâmico e eficiente. Com a concepção de que alfabetização é um processo contínuo e o letramento tem início quando a criança começa a conviver com diferentes manifestações de escrita na sociedade e se amplia cotidianamente, elaboro esta proposta com a temática: “Trabalhando com textos na alfabetização: uma experiência de estágio no curso de Pedagogia”. Uma experiência vivida em meu período de estágio, onde se aborda a desenvolver práticas de leitura e escrita com diferentes portadores de textos como contribuição para facilitar e promover a construção de habilidades leitoras. Como resultado obteve-se o iniciar do processo de desenvolvimento leitor nas crianças refletindo no melhor aprendizado.

366

Palavras-chave: Alfabetização. Leitura. Textos. Estágio. Metodologia.

INTRODUÇÃO

A questão da alfabetização preocupa os estudiosos e professores há muito tempo, pois existem inúmeros métodos para se ensinar a ler e a escrever. Vários métodos são aplicados e pouco se vê resultados, mas como ensinar a ler e a escrever de forma interessante e atrativa? Existe uma prática, uma metodologia que é alfabetizar com textos, textos reais do cotidiano da vida dos estudantes.

Tive a oportunidade, o contato com essa técnica de ensino, quando estava me preparando para fazer o estágio supervisionado dentro do curso de Pedagogia de Universidade Federal de Mato Grosso, principalmente durante as aulas de ensino da

¹Pós-graduada em Educação Infantil pela Faculdade Afirmativo. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso.

²Especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso. Licenciatura em Pedagogia Plena em pela Universidade Anhanguera Educacional de Campo Grande- MS.

³Especialização em Psicopedagogia em Educação Especial promovida pela Faculdade Integral de várzea grande- MT. Licenciatura em Pedagogia Plena, promovida pela Anhanguera Educacional de Campo Grande- MS.

linguagem, que foi de grande relevância, pois me deu um norte durante os planejamentos das aulas e que levarei comigo quando estiver atuando. Trabalhando com textos na alfabetização é uma proposta que encontrei para se melhor alfabetizar.

Para tanto o trabalho está dividido em três capítulos. No Capítulo I- apresentou o memorial: nas trilhas do processo de formação. Relato sobre minhas lembranças do tempo de infância e dos meus estudos. Capítulo II- relato sobre o do curso de pedagogia à compreensão do processo de alfabetização mediado por textos. Capítulo III- trabalhando com textos na alfabetização, alfabetizar letrando.

Trabalhar com textos na alfabetização: uma experiência de estágio no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso. Dessa forma, na linguagem desse trabalho muitas vezes vou trazer o meu olhar e tratar a construção do texto na primeira pessoa.

2. DO CURSO DE PEDAGOGIA À COMPREENSÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO MEDIADO POR TEXTOS

2.1 Textos como método prazeroso de ensinar

Desde o meu ingresso no Curso de Graduação em Pedagogia venho me questionando sobre os métodos utilizados para a alfabetização, achava que alfabetizar era complicado “um bicho de sete cabeças”, mas o tempo e com o desenrolar do curso fui descobrindo que não era tão difícil assim como imaginava.

Descobri durante as aulas da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino da Linguagem III, que trabalhar com textos pode ser uma metodologia mais eficaz de se ensinar, pois facilita no processo de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos na fase inicial de alfabetização.

Concordo quando o autor Luiz Carlos Cagliari (1999) diz que, “o educador deve incentivar seus alunos a ler e escrever textos, e não apenas palavras isoladas. Sempre que possível, é melhor usar textos do que palavras soltas”. Concordo porque, passei por alguns métodos cansativos e que para mim não tinha o menor sentido.

Apreendi mediante leituras realizadas no curso sobre a utilização de textos na alfabetização e passei a pesquisar de que forma isso seria possível e descobri que para se ensinar a ler deveríamos começar pelas unidades mais amplas, ou seja, com textos que tenham sentido e que despertasse o interesse da criança, a seguir partiríamos pelas

frases ou palavras até chegar às unidades mínimas da língua, as sílabas/fonemas ou letras.

No período de nossa regência procuramos desenvolver os planos de aulas sempre com algum texto conhecido ou não pelas crianças, elas folheavam, manuseavam e olhavam as ilustrações; faziam suas primeiras leituras conforme seus entendimentos.

Não vou dizer que essa metodologia de ensino é fácil, mas, a meu ver é mais prazeroso tanto para a professora quanto para o aluno.

Acredito que o alfabetizador que nunca utilizou essa metodologia, provavelmente deve ficar cheio de dúvidas, que é normal, tivemos muitas dúvidas quanto ao tipo de textos escolherem para os alunos, o grau de dificuldades das palavras contidas no texto e entre outros. Procurávamos sempre tirar dúvidas com algumas colegas mais experientes na área e fizemos algumas pesquisas sobre o assunto. Foi um período de muito estudo e dedicação.

Não é recente a idéia de alfabetizar a partir de textos. Por volta do final do século XIX, educadores norte-americanos, conhecedores do interesse das crianças pelas narrativas e de sua capacidade para memorizar rapidamente as histórias ouvidas, criaram o método da historieta ou do conto. Com a ajuda do professor, os alunos criavam um texto para relatar um fato interessante ou para contar uma história. Geralmente, o professor lançava mão de desenhos para ilustrar as sucessivas frases e assim facilitar a memorização dos respectivos significados. A partir desse texto, chegava-se à análise das frases, das palavras, das sílabas e, finalmente, às letras. Nas primeiras décadas do século XX, o educador francês Celestin Freinet criou e divulgou seu método de alfabetização a partir do texto, conhecido como método natural Freinet.

O educador francês estimulava os alunos a produzirem seus próprios textos, primeiro oralmente, depois por escrito. A alfabetização se fazia de forma assistemática, ou seja, pelo processo de descoberta de regularidades na escrita. Freinet percebeu a importância de aprender a leitura e a escrita em situações funcionais e para isso ele criou as técnicas do jornal escolar e da correspondência interescolar. Seus livros e contribuições nesse tocante permanecem atuais e constituem uma fonte de consulta importante para os professores que desejam alfabetizar a partir dos textos.

Tendo presente as pesquisas de Freinet e tantos outros educadores que estudamos no curso de pedagogia que ousamos fazer essa experiência de alfabetizar com texto dentro da proposta do estágio modalidade regência.

2.2 Experiências vivenciadas no estágio do curso de Pedagogia

Nessa perspectiva inspirada por Freinet e tantos outros pesquisadores que abordo neste dossiê minha experiência vivenciada na prática de estágio⁴. Pois foi nela que fiz meu laboratório de aprendizagem, e pude aplicar essa metodologia que tanto me conquistou.

Na prática docente procurei levar para a sala de aula pequenos textos prontos ou passava-os no quadro para ser copiados, para serem lidos e analisados pelos alunos, textos simples e fáceis de ler, pedia que analisassem e lessem o texto, primeiramente sozinho e em seguida líamos e interpretávamos juntos, procurávamos extrair o máximo do texto, pedia para que os alunos circulassem as vogais, formassem outras frases com palavras do texto, pintassem as palavras repetidas, observassem os espaços em branco e assim por diante.

Era uma turma bem heterogênea do 2º ano, havia crianças já alfabetizadas e outras ainda tentando juntar as letras. Foi uma das dificuldades que tivemos durante o estágio, pois tínhamos que adequar as aulas tanto para os alunos mais avançado quanto para os que estavam começando a alfabetizar. Propusemos então as crianças que estavam mais adiantadas a se sentarem juntas para auxiliarem as que demonstraram mais dificuldades, não foi fácil, mas, algumas se propuseram em ajudar. Foi um desafio, procurávamos o tempo todo estimular os alunos a vencerem cada etapa em seu desenvolvimento do conhecimento.

Inicialmente a exploração do texto segundo Marlene Carvalho (2007), deve ser seguida pela exploração do título e através de formulação de novas hipóteses sobre o tema geral, a professora deverá fazer uma leitura natural do texto e fazer um momento para trocar idéias com a turma sobre o que compreenderam da leitura. Em seguida buscar relações entre o texto e as experiências dos alunos, identificar o gênero do texto, ler o texto novamente, mas dessa vez tem que ser uma leitura didática, apontando bem as palavras uma a uma; observar dos aspectos formais do texto como: a escrita, o

⁴ Estágio realizado na EMEB Osmar José do Carmo Cabral, 25 alunos todos com 7anos de idade cursando o segundo ano

número de frases, o uso de maiúsculas e minúsculas, a pontuação e os espaços entre as palavras, repetir a leitura do texto, ora feito por toda turma, ora por um único aluno. Praticando essas atividades com os alunos logo eles serão capazes de relacionar as unidades sonoras com as unidades gráficas, ou seja, irão perceber que cada palavra dita corresponde a uma palavra escrita.

Sempre começávamos nossas aulas com um pequeno texto, pedíamos para irem analisando e lendo, às vezes era alguns que já conheciam então logo falavam o título ou do que se tratava, lembro-me uma vez levei um texto que eles levaram certo tempo para ler, o título era “O crocogrilo”, as crianças não sabiam juntar o “Cro” e o “Gri”, então lemos juntos apresentamos outras palavras com “Cr” e “Gr” para eles internalizar melhor e depois formaram novas frases com as iniciais. Foi uma aula bem divertida.

3. TRABALHANDO COM TEXTOS NA ALFABETIZAÇÃO: DESCOBRINDO AS PALAVRAS

3.1 Alfabetizar letrando

O termo letramento segundo Magda Soares (2000), tem sido utilizado atualmente por alguns estudiosos para designar o processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita nas práticas sociais e profissionais. Por que esse termo surgiu? Segundo alguns autores, a explicação está nas novas demandas da sociedade, cada vez mais centrada na escrita, que exigem adaptabilidade às transformações que ocorrem em ritmo acelerado, atualização constante, flexibilidade e mobilidade para ocupar novos postos de trabalho. Os defensores do termo "letramento" insistem que ele é mais amplo do que a alfabetização ou que eles são equivalentes.

Para Soares (2000) é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais e da escrita, ou seja, um conjunto de práticas sociais, que usam a escrita, enquanto sistema simbólico, enquanto tecnologia, em contextos específicos da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler e escrever para atingir diferentes objetivos, permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, garantindo-lhe a sua condição diferenciada na relação com o mundo. É compreender o que se lê.

Soares (2008) diz, “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo consequências de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.”

Para dizer que uma pessoa é letrada Carvalho (2007) diz é quando faz uso das habilidades de ler e escrever inserindo um conjunto de práticas sociais, não apenas no conhecimento das letras e do modo de associá-las, mas usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação, reconhecidas e necessárias em um determinado contexto cultural, letramento depende da alfabetização, ou seja, da teoria e prática, pessoas letradas e não alfabetizadas mesmo incapazes de ler e escrever compreende os papéis sociais da escrita distinguem gêneros ou reconhecem as diferenças entre a língua escrita e a oralidade.

O desafio da alfabetização, hoje, é alfabetizar letrando e o alfabetizador precisa entender que alfabetização é um processo complexo que inicia antes da alfabetização escolar, assumindo-se a escrita pela dimensão simbólica e enfatizando os seus usos sociais. Por meio da mediação do adulto a criança vai identificando a natureza da linguagem escrita, porém a qualidade das interações é que vão determinar as concepções que a criança apresenta sobre a linguagem escrita. É função de a escola dar continuidade a esse trabalho, de forma sistematizada pelo contato com as diversas práticas sociais que participa.

Assim, a participação das crianças em experiências variadas com leitura e escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material, a habilidade de codificação e decodificação da língua escrita, o conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da fala sonora para a forma gráfica da escrita implica numa importante revisão dos procedimentos e métodos para o ensino, uma vez que cada fase desse processo exige procedimentos e métodos diferenciados, pois cada criança e cada grupo de crianças necessitam de formas diferenciadas na ação pedagógica.

No alfabetizar letrando, se resgata o papel do professor como mediador, recuperando sua figura de elo entre o educando e a matéria de conhecimento, interferindo no processo sem desviá-lo nem o desvirtuar. A interação aluno-conteúdo é um diálogo aluno-mundo mediado pelo professor e por outras pessoas. Nesse contexto, faz-se necessária uma retomada do papel do professor alfabetizador cujo

desafio é letrar os alunos por meio do trabalho com atividades de leitura e escrita, executadas no plano da prática social.

3.2 Preparando para a leitura e a escrita

Muitas pessoas se tornam leitores devido a exemplos da família e por sua própria vontade, mas a escola deve sempre incentivar a leitura para formar novos leitores, mas para que isso ocorra às escolas precisam implantar políticas de leituras, oferecerem recursos materiais, como bibliotecas e salas de leituras.

Mas todo esse processo deve ser implantado de forma sutil, incentivando e não impondo, pois ninguém aprende a gostar de algo por imposição, deve ser trabalhado gradualmente e de forma contínua e que pode ser utilizada desde o início da alfabetização.

O RCNEI (BRASIL, 1998, p.141), ressalta que “a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura”.

Preparar uma turma para aprender a ler o educador precisa antes de tudo despertar no aluno o desejo e a vontade de ler. Para isso, é preciso ter em mãos livros infantis, jornais, revistas, muito material escrito, de todo tipo, para olhar e manusear, pois a criança que folheia livros e revistas acaba se perguntando: o que isso quer dizer?

Nesse entendimento compreendemos que a professora deve sempre estar aguçando a curiosidade dos alunos, fazendo com que cada uma delas se sinta estimulada a aprender. Mas é preciso ter critérios de seleção quanto à escolha dos textos, deve-se considerar, por exemplo: a complexidade do texto, o nível de dificuldade da atividade em relação ao texto escolhido, a familiaridade dos alunos com o tipo de texto, a adequação do conteúdo à faixa etária e a adequação dos textos selecionados e da proposta de atividade às necessidades de aprendizagem dos alunos.

As crianças que fracassam na aprendizagem da leitura segundo o autor Pedro Demo, *Leitores para sempre* (2006) “são aquelas que segundo não querem ler, não encontraram sentido em ler, ou consideram ler esforço que não vale à pena”. Daí a importância do papel do professor orientador, mediador, motivador, cuja habilidade de ler é fundamento crucial para deslanchar a mesma habilidade de ler na criança.

Uma das aulas do estágio que mais gostei e que houve maior participação foi quando lemos o texto sobre profissões, todos queriam falar sobre a profissão dos pais, elas se identificaram com o tema, era algo real e de seus domínios. Havia alunos tímidos com receio em falar, outro com certo preconceito pela profissão dos seus, procurei valorizar o trabalho de seus pais e mostrar o quanto é importante a função que cada um exerce. O texto foi passado no quadro e lido para elas.

Foi uma aula na qual ninguém ficou copiando ou tentando encontrar uma resposta, cada um teve sua vez de falar e expressar suas opiniões, logo após esse momento foi pedido que escrevessem a profissão dos pais ou responsáveis. Durante o momento e que escreviam sobre as funções dos seus tutores fui observando seus escritos, havia alguns erros ortográficos (normal), outros escritos certinhos e outros inlegíveis, mas cada um tentando dar o máximo de si. O texto foi o seguinte:

O trabalho

As pessoas que moram no município trabalham em atividades diferentes. Os moradores trabalham nas escolas, nos escritórios, nos bancos, nos hospitais, nas construções, nos hotéis, nas lojas, na casa de outras pessoas, nas fabricas e nas oficinas.

Há pessoas que trabalham dentro de um local fechado. Outras trabalham na rua.

O padeiro, o açougueiro, o feirante vendem alimentos.

O enfermeiro, o médico, o dentista, o farmacêutico cuidam da saúde das pessoas.

O varredor, o gari, coletor de lixo cuidam da limpeza dos lugares.

O bombeiro, o policial, o delegado cuidam da segurança das pessoas.

Fonte: livro didático de História.

Os textos mais adequados, segundo Carvalho (2005) para o trabalho pedagógico de alfabetização, isto é, aqueles que favorecem a reflexão dos alunos não-alfabetizados sobre as características e o funcionamento da escrita – são os que oferecem a eles situações possíveis de leitura e escrita. Sem dúvida, essas situações serão difíceis para esses alunos, uma vez que ainda não estão alfabetizados, mas precisam representar um desafio possível. Evidentemente, um indivíduo que ainda não sabe ler e escrever só pode ser solicitado a fazer isso se a tarefa proposta estiver, ainda que parcialmente,

dentro de suas possibilidades, se ele achar que pode tentar e conseguir. Como se sabe, as atividades de leitura e escrita serão desafiadoras se forem ao mesmo tempo difíceis e possíveis.

De acordo com Carvalho (2005), devemos começar a estudar o texto escrevendo-o no quadro de giz, numa cartolina grande ou num bloção. Fazer uma leitura normal, fluente e conversar com a turma sobre o texto. Perguntar o que significa o que foi lido? Essa conversa deve dar margem a que as crianças se manifestam livremente, mas de forma organizada. Muita gritaria e desordem tornam o trabalho impossível: embora seja difícil para a criança esperar a vez de falar, este é um aprendizado social precioso, que tem que ser feito.

Fazer a leitura didática, apontar as palavras com o dedo ou com uma régua, mostrar os espaços em branco entre as palavras. Assim começamos a dar uma noção importante que os espaços marcam os limites gráficos das palavras, onde começam e acabam. Mostrar aos alunos que quando falamos as palavras parecem emendadas umas nas outras. Fazer pausas para respirar ou marcar o ritmo das frases, mas não há uma separação obrigatória entre as palavras a não ser quando deliberadamente falamos muito devagar. Assim, a separação entre as palavras, os espaços existentes entre elas no papel são uma das características da língua escrita.

Aparentemente parece fácil copiar do quadro um texto ou simplesmente uma frase, como também não é nada fácil passar um texto no quadro. É preciso estar atento aos mínimos detalhes, eles copiam tudo e do jeito que você escreve eles querem escrever. Precisei o tempo todo lançar mão à didática, quanto aos espaços, letras cursivas (eu não escrevo em letra cursiva), e mesmo com todo esse cuidado mesmo assim alguns ainda copiavam tudo junto.

3.3 A escolha dos textos

Conforme leituras e pesquisas feitas no campo de alfabetização foram verificadas que para crianças de 5, 6 anos, que estão iniciando o processo de alfabetização, cheias de curiosidade e disposição para aprender, há muitas escolhas: histórias, poemas, trava-línguas, canções de roda, vários materiais coloridos que chamam a atenção.

Agora, em se tratando de crianças grandes e que já passaram por vários métodos e cartilhas, é bom conversar sobre a vida deles, o que fazem fora da escola, se

trabalham, do que gostam, entre outros. Nesse caso, talvez uma notícia sobre futebol, uma letra de rap ou de uma canção, uma piada, um anúncio, ou um bilhete, sejam mais atraentes. Trata-se de dar a essas crianças a certeza de que estão avançando, aprendendo coisas novas, até porque a maioria já passou por muitas experiências e já conhece os nomes das letras, além de algumas palavras simples ou sílabas. Para esses alunos, portanto é bom escolher um texto diferente, usado na vida social, que seja uma novidade para elas.

Para esse entendimento explicitado acima nos dois itens precisamos conhecer as etapas de aprendizagem que o aluno se encontra. Dessa forma, podemos acertar as atividades a serem propostas. Vejamos alguns exemplos de atividades de acordo com os níveis conceituais

Pré-Silábico: Trabalhar com nomes próprios; alfabeto móvel (montar palavras de alguma poesia já conhecida pelos alunos); escrita espontânea “ listas” (frutas, animais, objetos...); seqüência alfabética; quebra-cabeça de palavras (nomes, frutas, animais...); recorte e colagem de palavras; rótulos; par lenda e quadrinha; observação de quantidade de letras entre palavras grandes e pequenas.

Silábico: Quebra cabeça com palavras (poesias, par lendas...); jogo da memória; trabalhar palavras chaves, contar letras e sílabas; jogo da forca; bingo de palavras; alfabeto móvel; receitas; escrita espontânea; músicas, poesias, adivinhas; dicionário ilustrado.

Silábico-Alfabético: Textos coletivos; acrósticos; cruzadinhas; caça-palavras; texto, música, par lendas, quadrinhas fatiados.

Alfabéticos: Textos coletivos; escrita e leitura de textos diversos; cruzadinha com desafios, bilhetes, montar livro com estrofes de poesias; notícias; criar histórias a partir de outras. Uma atividade legal também é o ditado (de criança para criança), onde podemos trabalhar as duplas produtivas.

Como já citado posteriormente que a turma em que estagiei era heterogênea e seus níveis conceituais variavam entre silábico, silábico alfabético e alfabético. Tínhamos que planejar as aulas de um jeito que as atividades a ser desenvolvidas atendessem tantos um como os outros.

Todo esse trabalho no estágio rendeu uma publicação no III Seminário de Projetos Integradores de Prática Docente – Prática de Ensino IV e II Seminário do

Curso de Especialização em Educação Infantil. Com a temática: Trabalhando com textos na alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a aprendizagem do sistema de escrita, a simples exposição dos alunos à escrita na sala de aula não é suficiente para que se alfabetizem. Se assim fosse, os adultos analfabetos que vivem em uma sociedade urbana, imersos num mundo letrado, cheio de *outdoors*, panfletos e letreiros, com certeza já estariam alfabetizados, pois as cidades expõem a escrita em todos os cantos. Salas de aula cheias de escritas afixadas nas paredes não se constituem, por si só, em ambientes alfabetizadores, em contextos de letramento: isso é algo que depende da criação do maior número possível de situações de uso real da escrita na escola. A aprendizagem da escrita a meu ver está relacionada à reflexão que os alunos podem fazer sobre ela – suas características, seu modo de funcionamento, para que aprendam a ler e escrever, portanto, é preciso que a professora planeje situações didáticas específicas destinadas a essa finalidade – não basta inundá-los de letras escritas.

O curso de pedagogia foi quem possibilitou a minha busca pelo conhecimento, me fez amar a profissão e deu a oportunidade de adquirir experiências através do estágio, que não foi nada fácil, mas que me deu um norte a seguir. A minha proposta neste dossiê não foi passar um método que todos devam seguir é apenas uma metodologia que para mim tem o maior sentido quando o assunto é alfabetização.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marlene. Guia Prático do alfabetizador: 5 edições - São Paulo: Ática, 2005.
- SOARES, Magda. In: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2008.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros/ Magda Soares. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- DEMO, Pedro. Leitores para sempre – Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.
- BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria L. Trassi. Psicologias: Uma Introdução ao estudo de Psicologia. Ed. Saraiva. SP. 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetizando sem Bá, Bé, Bi, Bó, Bu. São Paulo: Spcione 1999.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. Volume 3.** Brasília MEC/SEF, 1998.